



O COMPROMETIMENTO SOCIAL DA POÉTICA DE LOBIVAR MATOS E ANTÓNIO JACINTO

COMMITMENT OF POETIC SOCIAL LOBIVAR MATOS AND ANTONIO JACINTO

¹Marta de Oliveira Fróis da Silva

Recebimento do texto: 04/02/2016

Data de aceite: 15/04/2016

RESUMO: Este artigo traz uma análise dos poemas “Sarobá” de Lobivar Matos (Brasil) e “Monangamba” de António Jacinto (Angola). Nesta abordagem delimitaremos sobre a confluência em que estes dois poetas vão tratar dos menos favorecidos, daquelas pessoas esquecidas, do negro de “Sarobá” e do negro de “Monangamba”. António Jacinto traz o negro colonizado e Lobivar Matos, o negro “livre”, porém submetido ao esquecimento social e literário. Para embasar nossa pesquisa bibliográfica, além de Alfredo Bosi e Octavio Paz, traremos também a discussão do intelectual Edward W. Said, que denuncia as mazelas e injustiças do mundo; sendo aqui representados pelos poetas em questão.

PALAVRAS-CHAVE: Negro; Poética; Modernidade; Angola; Brasil.

ABSTRACT: This article presents an analysis of poems " Sarobá " of Lobivar Matos (Brazil) and " Monangamba " Antonio Jacinto (Angola) . Delimitate this approach to the confluence where these two poets will treat the less fortunate , those forgotten the nigger " Sarobá " and nigger " Monangamba " . Antonio Jacinto brings the colonized and Lobivar Matos nigger , the nigger "free" , but submitted to a social and literary oblivion. Also we will bring the discussion of intellectual , under theoretical source of Edward W. Said , this intellectual should denounce the evils and injustices of the world ; It is represented here by poets in question. Besides Alfredo Bosi and Octavio Paz to support our literature and other references.

KEYWORDS: Nigger; Poetics; Modernity; Angola; Brazil.

¹Mestranda pelo Programa de Pós Graduação em Estudos Literários pela UNEMAT- Universidade do Estado de Mato Grosso - Brasil





Introdução

Este trabalho tem como objetivo destacar a temática do negro nos poemas “Sarobá” de Lobivar Matos e “Monangamba” de Antônio Jacinto, numa perspectiva entre a Literatura Brasileira Mato-grossense e a Literatura Africana Angolana. Lobivar Matos vai tratar do negro num espaço específico, no bairro Sarobá. É um eu-poético em 3ª pessoa, como se assistisse às cenas do bairro, já Antônio Jacinto vai falar do negro rural, no qual o eu-poético relata em 1ª pessoa a situação de trabalho rural do Monangamba. Mesmo com a divergência de espaços e de criação, este trabalho torna-se relevante devido à temática do negro, tratada sob a ótica do comprometimento social por estes poetas de língua portuguesa.

Edward Said (2005) em seu livro *Representações do Intelectual: as Conferências Reith de 1993* vai dizer que nunca houve na história moderna nenhuma grande revolução sem intelectuais, ou seja, eles sempre estavam à frente dos movimentos. Desta forma, Said (2005, p.25) traz o conceito de intelectual como sendo “aquele que é dotado de uma vocação para representar, dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para (e também por) um público.” Portanto, os poetas em questão foram intelectuais de seu tempo, eles trouxeram a discussão de questões de uma época, transformando-as em versos, o comprometimento pelos menos favorecidos, os negros, os pobres; os problemas que os inquietavam vieram liricamente expressos nas estrofes destes autores.

E assim nos perguntamos, qual o papel da poesia pelo qual estes intelectuais quiseram se expressar? A poesia ainda é necessária? Buscamos a resposta em Alfredo Bosi (2000, p 264) quando diz que: “a todos a poesia





redimiui do anonimato, em cada um reconheceu a face única, inconfundível.” A poesia veio dar voz e nome ao que estava escondido pela máquina social. Bosi ainda vai lembrar que a poesia é o que de melhor nós temos para exprimir o outro e representar o mundo, ela consegue fazer isso aliando de uma só vez o sentimento e a memória, a figura e o som. Esta expressão do outro veio na representação lírica lembrada pelos poetas ao trazer o negro em seus versos.

Como se relacionar, então, com esta expressão tão forte e ao mesmo tempo tão urgente e necessária sobre o comprometimento social em relação ao negro, aos pobres, aos menos favorecidos? Os poetas conseguem se relacionar com a sociedade através de sua poética, mesmo quando esta sociedade, no caso de Lobivar, ainda não queira ou talvez não esteja preparada para ler o que este escrevia. Neste relacionamento, Octavio Paz em *O Arco e a Lira*, vai dizer que: “o poema é mediação entre a sociedade e aquilo que a funda. [...] O poeta, por sua vez, atua de baixo para cima: da linguagem de sua comunidade à do poema. Em seguida, a obra volta às suas fontes e se torna objeto de comunhão. A relação entre o poeta e seu povo é orgânica e espontânea” (2012, p. 49).

É esta relação que veremos entre Lobivar e Jacinto em relação à sua comunidade. Jacinto bem se relacionou com ela ao escrever do mesmo anseio a que todos aspiravam - sua independência de Portugal.

Contextualizaremos um pouco da história literária do poeta corumbaense Lobivar Matos. Lobivar Barros de Mattos nasceu em Corumbá em 12 de Janeiro de 1915, nesta época a cidade estava com 136 anos de existência, e possuía cerca de 15 mil habitantes sendo a segunda maior do Estado de Mato Grosso (nesta época, ainda era uno). Em 1933 muda-se para o Rio de Janeiro matriculando-se, no ano seguinte, na Faculdade Nacional





de Direito. No ano de 1935 publica “Areôtorare” e em 1936, “Sarobá”. Estes dois livros de poemas foram escritos num momento em que o Brasil já vivenciava a segunda fase do Modernismo, sendo o marco forte com a Semana de Arte Moderna de 1922. Diante desta nova manifestação literária em Mato Grosso, Lobivar Matos foi um dos primeiros poetas a acompanhar o ritmo brasileiro (Rio-São Paulo), pois a estética modernista buscava romper com o tradicional, trazendo na literatura a liberdade formal, ao utilizar o verso livre, abandonando a forma fixa, como o soneto. Havia a necessidade de valorização do cotidiano. Lobivar começa a observar a sua volta e registrar em seus poemas a vida, o ambiente mato-grossense, em especial a cidade de Corumbá, registrando assim uma poética moderna através de temas como o marginalizado, o negro, o índio, o roceiro, os pobres, a mulher. Seus versos são livres das ditaduras das regras clássicas e de todas as estruturas romântico-parnasianas que ainda vigoravam em nosso estado pelos poetas Dom Aquino e José de Mesquita, pois conforme Carvalho (2008, p.21) traz em seu livro: “A forte presença social e cultural desses *dois mestres da poesia cuiabana* como expressou Virgílio Corrêa Filho, criava como que uma barreira quase impenetrável aos novos ventos que sopravam do sul do país e que já haviam batido às costas do Nordeste e mesmo do Norte.”

Acreditamos que seja por isso que Lobivar publicou apenas dois livros, pois o querer inovar no plano estético e poético encontrou grande resistência de Dom Aquino e José de Mesquita os quais criavam uma muralha na literatura e cultura de Mato Grosso, o zelo era tanto que não permitiam o inovar literário de poetas que traziam o que de mais recente e inovador vigorava em todo o país.





Neste intervalo de não mais publicar livros, Lobivar Matos foi acometido de uma úlcera sendo que mesmo fazendo cirurgia não conseguiu resistir à doença, vindo a falecer no dia 27 de Outubro de 1947 com apenas 32 anos de idade.

Segundo Carvalho (2008, p.30), Lobivar é o primeiro que trará uma estética e conteúdo novo à literatura – o povo, os negros, os marginalizados. Em “Sarobá”, há a temática social e racial, fundamentada nos parâmetros do modernismo – o verso livre, a libertação da rima. Assim, Carvalho vai dizer que o que assinalará a alta relevância de Lobivar é a temática que introduz; pois pela primeira vez, um poeta mato-grossense pôs a lírica próxima ao mundo do cotidiano, de sofrimentos tão comuns de uma gente que talvez jamais lesse seus poemas.

O modernismo que Lobivar inovou em seus poemas não foi aceito de bom agrado pela geração de poetas mato-grossenses que ainda faziam versos romântico-parnasianos, conforme já dito. Desta forma, não tendo o necessário respaldo literário nosso poeta foi criticado ao tentar inovar na literatura de Mato Grosso. Lobivar, assim, ficou sem publicar mais livros depois de “Areôtorare” e “Sarobá” participando muito pouco da Revista Pindorama. Revista criada por alguns escritores mato-grossenses. Porém, o fato de não aceitarem a proposta lobivariana não retira a qualidade poética de Lobivar. Ao escrever sobre os menos favorecidos, através de uma estética modernista, este escritor deixou sua marca na literatura mato-grossense; mesmo vivendo muito pouco, soube registrar seu fazer poético. Sua importância na literatura é observada quando vimos que atualmente já existem vários trabalhos com seus poemas, desde textos de graduação até teses de doutorados.





Faremos também um apanhado literário do poeta Angolano, país no qual nasceu Antônio Jacinto. Antônio Jacinto do Amaral Martins, filho de um casal de colonos de Alfândega da Fé, nasceu em Luanda em 1924, e faleceu em Lisboa em 1991, aos 67 anos de idade. Reconhecido principalmente como poeta de protesto, foi também contista no qual assinava como Orlando Távora. Escreveu o poema “Monangamba” sendo publicado no livro “Poemas” em 1961. Devido à sua militância política contra o regime fascista e o colonialismo, foi condenado a 14 anos de prisão, dez dos quais cumpridos no campo de concentração do Tarrafal, em Cabo Verde. Foi para Lisboa, mas logo regressou e juntou-se ao MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola). Com a independência angolana, em 1975, Antônio Jacinto foi nomeado Ministro da Educação e Cultura de Angola, cargo que ocupou até 1978. Suas obras são: “Poemas” (1961), “Vovô Bartolomeu” (1979), “Poemas” (1982), “Em Kilunjedo Golungo” (1984), “Prometeu” (1987) e “Fábulas de Sanji” (1988).

Conforme vimos pelas datas, podemos observar que Lobivar Matos e Antônio Jacinto não foram contemporâneos em seus escritos, pois Lobivar escreve em 1932 e publica em 1935 e 1936, e Jacinto escreve em 1948 e publica em 1961. Mesmo não tendo confluência da contemporaneidade, ambos revelaram em sua lírica o comprometimento social e literário dentro de seu tempo histórico, souberam dar voz a quem não era lembrado na sociedade; registraram em seus versos a luta pelos oprimidos.

Sobre a literatura comparada Tânia Carvalhal vai dizer que é aquela que designa uma forma de investigação que confronta duas ou mais literaturas. Carvalhal vai mostrar que:

O estudo comparado de literatura deixa de resumir-se em paralelismos binários movidos somente por “um ar de





pareceça” entre os elementos, mas compara com a finalidade de interpretar questões mais gerais das quais as obras ou procedimentos literários são manifestações concretas. Daí a necessidade de articular a investigação comparativista com o social, o político, o cultural, em suma, com a História num sentido abrangente (2004, p.53).

Ao trabalhar com literaturas de dois países distintos é preciso estar atento não somente à literatura, mas também com o momento histórico, político e social em que estas nações se encontram, pois é preciso um conhecimento mais geral de forma que o pesquisador saiba dos contextos vivenciados pelos autores, até porque é o meio social que faz com que o escritor, que este intelectual se posicione diante das questões de seu tempo.

“Sarobá” título do poema de Lobivar Matos, e título de seu segundo livro, é também um nome do bairro da cidade de Corumbá; bairro este em que só viviam negros. O momento histórico de Mato Grosso em que este poeta escreveu seu poema, estava longe da escravidão. Nossa abolição se deu em 1888, porém no bairro Sarobá havia ainda resquícios de pobreza e subalternidade do povo negro, lembrando um ambiente escravocrata. Diferente do contexto histórico de Angola, quando Antônio Jacinto escreve “Monangamba”, o país ainda vivenciava a colonização imposta pelos portugueses, o que também resultou num processo de marginalização do negro dentro de seu próprio país, subjugado agora pelo branco europeu que veio retirar além de suas riquezas naturais, também sua cultura e identidade nacional.

O poema “Sarobá”, de Lobivar é composto por quatro estrofes com característica de narrativa descritiva, como sabemos que é próprio do lirismo social, o título do poema já retrata o que o poeta vai falar, como são e vivem as pessoas deste bairro:





Sarobá

1. Bairro de negros,
2. negros descalços, camisa riscada,
3. beíçolas caídas,
4. cabelo carapinhé,
5. negras carnudas rebolando as curvas,
6. bebendo cachaça,
7. negrinho sugando as mamas murchas das negras,
8. chorando de fome.
9. Bairro de negros,
10. casinhas de lata,
11. água na bica pingando, escorrendo, fazendo lama,
12. roupa estendida na grama,
13. esteira suja no chão duro, socado,
14. lampeão de querosene pescando no escuro,
15. negra abandonada na esteira tossindo
16. e batuque chiando no terreiro,
17. negra tuberculosa escarrando sangue,
18. afogando a tosse seca no eco de uma voz mole
19. que se arrasta a custo
20. pelo ar parado.
21. Bairro de negros,
22. mulatas sapateando, parindo sombras magras,
23. negros gozando,
24. negros beijando,
25. negros apalpando carnes rijas,
26. negros pulando e estalando os dedos
27. em requebros descontrolados,
28. vozes roucas gritando sambas malucos
29. e sons esquisitos agarrando
30. e se enroscando nos nervos dos negros.
31. Bairro de negros,
32. chinfrim, bagunça,
33. Sarobá.”

Na primeira estrofe, que vai do verso 1 ao 8; o poeta descreve o local, ou seja, o bairro Sarobá. Nos quatro primeiros versos, Lobivar apresenta o bairro, associando às características físicas do negro. Os adjetivos “descalços”, “riscada”, “caídas”, “carapinhé”, “carnudas” e “murchas” são





adjetivos relacionados aos negros, à sua fisionomia. No verso 5 “negras carnudas rebolando as curvas”, percebemos a presença do sensualismo ligado à negra, que em nossa cultura, ainda representa um símbolo sexual. Nos próximos versos, o autor utiliza uma linguagem direta e realista quando descreve que estas negras carnudas estão bebendo cachaça, que os negrinhos sugam as mamas murchas das negras e após, saem correndo para o mato chorando de fome. Daí a consonância da realidade deste local com o que a mulher negra do poema pode dar ao filho, suas “mamas” estão “murchas” não há leite para sustentar seu filho, por isso, sai correndo chorando de fome mato adentro.

A sintaxe, que estabelece os versos, isolando traços dos negros e detalhes da sua condição, implica em fortes imagens, pelo isolamento de cena que são atiradas em *flashes* que não seriam tão significativas, se tratasse de uma escrita prosaica. Queremos dizer que se Lobivar escrevesse que em Sarobá, que é um bairro de negros e estes negros andam descalços e usam camisas riscadas, etc., o efeito estético não seria tão significativo em promover nossa emoção e consciência. Os adjetivos do poema provêm da realidade, da vida sofrida do negro. Em meio à dureza e à condição deste povo; com certeza, os adjetivos não seriam belos de ler e ouvir. Houve aqui, por parte do poeta, uma consonância no que via e descrevia, ele soube revelar muito bem, através dos adjetivos, a vida desumana, subjugada que o negro vivia. Nestes versos, ainda identificamos o problema da fome que estes negros sofriam ao viver esquecidos neste bairro.

Sobre o poema de António Jacinto é preciso antes trazer ao leitor o que significa “Monangamba”, é o nome dado aos angolanos negros contratados para trabalhar nas roças, no período colonial. Por vezes, deslocados de províncias muito distantes, como nas plantações de São Tomé





e Príncipe, sendo assim, afastados da família por vários dias e até meses.
Assim, temos o poema:

Monangamba

1. Naquela roça grande não tem chuva
2. é o suor do meu rosto que rega as plantações:
3. Naquela roça grande tem café maduro
4. e aquele vermelho-cereja
5. são gotas do meu sangue feitas seiva.
6. O café vai ser torrado
7. pisado, torturado,
8. vai ficar negro, negro da cor do contratado.
9. Negro da cor do contratado!
10. Perguntem às aves que cantam,
11. aos regatos de alegre serpentear
12. e ao vento forte do sertão:
13. Quem se levanta cedo? quem vai à tonga?
14. Quem traz pela estrada longa
15. a tipóia ou o cacho de dendém?
16. Quem capina e em paga recebe desdém
17. fubá podre, peixe podre,
18. panos ruins, cinquenta angolares
19. "porrada se refilares"?
20. Quem?
21. Quem faz o milho crescer
22. e os laranjais florescer
23. - Quem?
24. Quem dá dinheiro para o patrão comprar
25. Máquinas, carros, senhoras
26. e cabeças de pretos para os motores?
27. Quem faz o branco prosperar,
28. ter barriga grande - ter dinheiro?
29. - Quem?
30. E as aves que cantam,
31. os regatos de alegre serpentear
32. e o vento forte do sertão
33. responderão:
34. - "Monangambééé..."
35. Ah! Deixem-me ao menos subir às palmeiras
36. Deixem-me beber maruvo, maruvo
37. e esquecer diluído nas minhas bebedeiras
38. - "Monangambééé..."





O poema é composto por 9 estrofes, sendo que há só um verso na estrofe 9 e 38. Nos versos 1 e 2 percebemos que o sujeito do poema, ou seja, o eu poemático surge em primeira pessoa, é o negro Monangamba (o contratado) que fala, que apresenta o espaço da roça dos grandes fazendeiros portugueses vindos para Angola a fim de explorar seus moradores e a riqueza natural desta terra. Nos versos 3 ao 5 o eu poemático relata que a roça é grande, porém não tem chuva, é o suor de seu rosto que rega as plantações, suor de um negro cansado de tanta injustiça. Mas na roça grande tem café maduro, aqui o contratado compara seu sangue com o vermelho-cereja do café. Percebemos a presença da metáfora quando há esta comparação da cor do café maduro com o sangue do negro.

Na segunda estrofe que vai dos versos 6 ao 8 temos o produto do café sendo identificado com a tortura que o negro vivenciava. Nesta estrofe identificamos a violência com que o negro é tratado, sendo comparado com o café que vai ser torrado, pisado, torturado; e este café ficará negro, negro da cor do contratado. Esta expressão “negro da cor do contratado” é; repetida duas vezes, sendo que há uma estrofe com apenas um verso (9) isolado, para chamar a atenção do leitor: “ Negro da cor do contratado!”; demonstrando assim as características físicas do café e do negro. Este verso ainda vem com o ponto de exclamação, enfatizando com espanto a condição que o café ficará, igual ao contratado: negro; e que o tratamento dado ao Monangamba é idêntico à forma violenta do café ser tratado, até ao estado de consumo.

O português chegou à África, em Angola especificamente, e trouxe seu ar de superioridade. Em tudo ele queria tirar proveito desta gente que vivia com sua cultura, seus costumes, mas que agora deveriam se submeter aos caprichos destes europeus; até mesmo passar por esta violência ao





retirar deles sua cultura, impor aos angolanos a cultura europeia demonstrada como superior em todo o período colonial que Angola vivenciou. Para Ferreira (1987, p. 11) “no texto da literatura colonial, por décadas exaltada, o homem negro aparece como que por acidente, por vezes visto paternalisticamente, o que, quando acontece, já é um avanço, porque a norma é a sua marginalização ou coisificação”.

O negro em Monangamba, conforme Manuel Ferreira, sempre foi marginalizado ou coisificado, exemplificados aqui nestas estrofes analisadas. No negro, que é o eu poemático, percebemos esta marginalização em seu próprio país, eles não tiveram que ir a terras estrangeiras para serem excluídos. Eles são marginalizados em suas próprias terras por alguém de pele branca que se achava superior a eles.

Esta marginalização, assim como em “Monangamba”, existe também no poema “Sarobá” de Lobivar Matos, os negros possuíam um bairro só para eles, cujo nome é o título do poema em análise. Mas esta separação não quer dizer que eles são privilegiados, o que fica subentendido é que a sociedade os queria bem longe do centro da cidade para que não houvesse nenhum contato com eles, marginalizando-os desta forma. O bairro só era procurado quando queriam contratar alguém para um serviço pesado, assim é que procuravam o negro lá de Sarobá; ou quando fosse visitado, seria com certo nojo do lugar (“Chinfrim”). Lobivar, ao perceber isto, critica a realidade a sua volta através de seus versos.

A segunda estrofe do poema Sarobá traz as características do espaço, do bairro. Lobivar ao descrever nos versos 9 ao 20 a condição degradante em que se encontra o ser humano; percebemos como é feito de forma que a cena surge metonimicamente, com a elipse dos verbos auxiliares (estão). Por mais que há água na bica pingando, escorrendo, fazendo lama, não há o





movimento, mas a imagem estática que suscita a situação, reverte-se, como já indagamos, em ganho estético. Identificamos a degradação humana, as condições de subserviência do ser nas seguintes palavras: “casinhas de lata”, “pingando”, “lama”, “suja”, “chão duro” “socado”, “escuro”, “negra abandonada”, “tuberculosa”, “sangue”, “tosse seca”, “voz mole”, “ar parado”.

Na segunda estrofe de Sarobá, mais precisamente nos versos 15 e 16, queremos retomar um ponto: a concretude, tão forte, tão real daquele bairro. Concretude esta que reflete nas características físicas do negro, no modo das negras reboarem as curvas. Referimo-nos já aos adjetivos: não são bonitos, até porque seria uma dissonância com a realidade dos negros deste bairro. Uma realidade muito sofrida. Mas há outro aspecto que o eu poemático introduz nesta concretude nada bela: a resistência, que nem mesmo a doença vence. Isto aparece bem claro nos versos:

15. negra abandonada na esteira tossindo
16. e batuque chiando no terreiro,

Por mais que sua vida esteja sofrida, que há uma negra abandonada e tossindo lá na esteira; os outros estão tendo festa no terreiro; festa que revela a persistência deste povo de querer sobreviver em meio a tanta degradação e a esperança de que um dia esta realidade possa mudar para melhor. No entanto, este quadro, guarda infinitas possibilidades de interpretação: a leviandade de uma festa enquanto há o sofrimento ou a possibilidade do batuque significar um ritual próprio da cultura afro-brasileira em torno da cura da enferma. Podemos interpretar também que Lobivar, ao dizer que a negra está abandonada não é pelos seus, mas sim pelo sistema do governo, o





sistema econômico e de saúde, que não oferece assistência básica para o negro, para os pobres, nem mesmo quando estes estão quase morrendo.

Em Sarobá, percebemos o sensualismo quando o poeta diz:

23. negros gozando,
24. negros beijando,
25. negros apalpando carnes rijas”

O recurso lobivariano são as repetições (anáforas) abrindo o paralelismo sintático em versos sequenciais, resultando em destaque às “carnes rijas”. Devemos convir que o ganho estético aqui, também é significativo. A aliteração em “n” nasalizam as vogais, sugerindo movimento em detrimento da ausência de verbos, como comentamos, resultam em estaticidade. O ritmo desses versos sugere, inclusive, o movimento de uma relação sexual. O sexo, aqui, é colocado como forma de alegria, de esperança deste povo sujeito a tanta degradação.

Segundo Octávio Paz (1976), metro e ritmo não é a mesma coisa. O metro exige que cada verso tenha as sílabas e os acentos requeridos, o metro é a medida vazia de sentido. O ritmo, entretanto, jamais se apresenta sozinho; ele não é medido, mas conteúdo qualitativo e concreto. O que em Antônio Jacinto e Lobivar Matos se torna evidente, pois seus poemas não possuem o metro, contudo traz um ritmo com um conteúdo qualitativo de comprometimento social em seus versos, retrata nos poemas o que vivenciavam na época.

Nos versos de Sarobá; “esteira suja no chão duro, socado” percebemos uma união de sentidos como em Monangamba quando diz: “o café vai ser torrado, pisado, torturado”. No primeiro, vemos que a vida degradante que o negro vive naquele bairro resulta que seu descanso termina numa esteira suja, e que o chão é duro e socado, como em todas as casas deste bairro. E





no segundo, a vida difícil do contratado revela esta violência com que é tratado sendo torturado, pisado com trabalhos arduamente difíceis; é a um trabalho semiescravo que o negro é submetido. Desta forma, para Calzolari (2006, p.27) a agressividade com que o Monangamba é tratado, é transferida para a linguagem forte e dura do poema: “O café vai ser torrado, / pisado, torturado, / vai ficar negro, negro da cor do contratado”.

Voltemos para António Jacinto contemplando os últimos versos do poema Monangamba que vai do 13 ao 38, nos quais temos a natureza como aliada ao eu poemático angolano, ela é testemunha de seu tormento e sentimento. O eu poemático ainda nos versos 10, 11 e 12 diz à natureza, às aves, aos regatos e ao vento forte a seguinte pergunta: quem é que cuida de tudo para fazer o patrão prosperar? Quem vai cedo à *tonga*?². Quem vai dela cuidar para fazer o patrão ganhar muito dinheiro para comprar senhoras, máquinas, carros? Quem fará o patrão prosperar, ter barriga grande, ou seja, a fartura que existia na mesa do branco europeu enquanto que para o Monangamba só restava o “fubá podre, peixe podre, / panos ruins, cinquenta angolares / “porrada se refilares?”. É a natureza quem responde a tudo isso, que vê tudo a que o negro é submetido, sua resposta vem bem forte e certa, quem faz tudo isso é o “Monangambééé...” as reticências indicam que é ele quem o faz, são vários deles.

Já dissemos sobre a violência social e cultural a que o negro era submetido no período colonial, neste trabalho semiescravo, mas aqui no verso “porrada se refilares?”; percebemos que o eu poemático ao fazer esta pergunta está denunciando que se o negro reagir contra a investida deste agressor da cultura, do trabalho, haverá “porrada”, ou seja, o Monangamba sofreria até mesmo a violência física se tentasse revidar ao trabalho

² *Tonga* é a terra a ser lavrada, é a lavoura.





semiescravo. E neste trabalho o que ganham são somente cinquenta angolares³, muito pouco para sua ideal sobrevivência.

Para Calzolari (2006, p.27), António Jacinto faz uma denúncia social, trazendo revolta contra a situação opressora, contra os maus tratos sofridos pelo contratado, e que veremos isso por toda sua obra quando ele vai nos lembrar da violência de uma cultura imposta e, assim buscará reconstruir a identidade angolana que se torna várias ao coexistir com diversas etnias em seus costumes e valores.

Será na natureza angolana que o Monangamba buscará o alívio para suas dores, será no produto de sua terra que ele vai se consolar: “Ah ! Deixem-me ao menos subir às palmeiras / Deixem-me beber maruvo, e esquecer diluído nas minhas bebedeiras / _ Monangambééé...”. O eu poemático quer sentir a liberdade de subir nas palmeiras, quer beber *maruvo*⁴ para esquecer seus dissabores.

Em “Sarobá” no final do poema temos nos versos 31 ao 33, uma conclusão que o poeta faz do bairro, ele é “Bairro de negros, / chinfrim, bagunça, / Sarobá.” Lobivar define este bairro utilizando o adjetivo “chinfrim” que segundo o dicionário Houaiss significa: *o que não tem utilidade, de escasso valor; de mau gosto, muito barulhento, confuso*. Portanto, conforme vimos em todo o poema, o bairro é apresentado como sendo assim mesmo, muito barulhento, sujo, conforme a vivência cotidiana do negro de Sarobá. Observando o contexto histórico e social da época, segundo já explicitado neste artigo; este bairro era visto pela sociedade como sem nenhum valor social ou econômico, um lugar sujo. Lobivar,

³ *Angolar* era a moeda oficial de Angola, entre 1926 e 1958.

⁴ *Maruvo* é uma bebida resultante da fermentação da seiva da palmeira, uma espécie de aguardente.





então, fez alusão ao sentido que a sociedade da época dava a este bairro, para finalizar o poema.

Os poemas de Lobivar e Jacinto possuem convergência na estrutura e no tema. Seus versos são livres e ambos retratam o negro, os pobres da forma como estes viviam. Mesmo com a divergência do espaço, sendo o negro de Lobivar representado na cidade e o de Jacinto no meio rural, podemos e devemos olhar para estes intelectuais como pessoas à frente de seu tempo, pois escreviam a realidade que os cercavam. Jacinto nos trouxe o anseio pela libertação do negro das mãos do colonizador e Lobivar trouxe o negro livre, tanto da colonização quanto da escravidão, porém em uma condição de total esquecimento social e literário. Este poeta trouxe voz para quem estava esquecido. Portanto, estes autores conseguiram representar todas as pessoas que estavam esquecidas ou simplesmente escondidas, como Said (2005) nos lembra que:

[...] o intelectual age com base em princípios universais: que todos os seres humanos têm direito de contar com padrões de comportamento decentes quanto à liberdade e à justiça da parte dos poderes ou ações do mundo, e que as violações deliberadas ou inadvertidas desses padrões têm de ser corajosamente denunciadas e combatidas.

E foi isto que nossos poetas fizeram, denunciaram corajosamente as dores de seu povo. Ao fazer isto, Lobivar e Jacinto revelaram seu olhar minucioso para o negro, os pobres, os menos favorecidos e souberam representar liricamente toda a angústia e sofrimento de pessoas que gritavam por liberdade e justiça.





Referências

- MARTINS, António Jacinto do Amaral. **Poemas**. Luanda/Angola: Edições Maianga, 2004.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- CALZOLARI, Tereza Paula Alves. **Antônio Jacinto: Uma revelação no compasso da Angolanidade**. In: África & Brasil: letras em laços. Org. Maria do Carmo Sepúlveda Campos, Maria Teresa Salgado. São Caetano do Sul. Yendis Editora, 2006.
- CARVALHO, Carlos Gomes de. **Um precursor precoce e rebelde**. In: MATOS, Lobivar. Areôtorare Sarobá. Cuiabá: Academia Mato-Grossense de Letras, UNEMAT, 2008. FERREIRA, Manuel. **Literaturas africanas de expressão portuguesa**. Editora Ática, São Paulo, 1987.
- LEITE, Mario Cezar Silva. **Mapas da mina: estudos de literatura em Mato Grosso**. Cuiabá, Cathedral Publicações, 2005.
- MATOS, Lobivar. **Areôtorare: poemas boróros: Sarobá**. Cuiabá: Academia Mato-Grossense de Letras; Unemat - (Coleção Obras Raras, 3), 2008.
- MENDONÇA, Rubens. **História da literatura mato-grossense**. 2. Ed. Especial. Cáceres: Ed. Unemat, 2005.
- PAZ, Octavio. [1914-1998] **O Arco e a Lira**. Título Original: El arco y la lira. Tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- PAZ, Octavio. **Signos em rotação**. Editora Perspectiva. S.A. 2ª edição. São Paulo/Brasil. 1976.
- SAID, Edward W. **Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993**. Tradução de Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

